

PISTAS CARTOGRÁFICAS DE UM GEOCURRÍCULO... UM CAMINHO TRAÇADO NAS ÁGUAS

Julian Karla Diniz Neris¹
Roniqueli Moraes Pantoja²
Josenilda Maria Maúes da Silva³

Resumo: A presente escritura compõe uma pesquisa de mestrado, em andamento, de modo que reúne movimentos de uma pesquisa experimentação de tonalidade deleuziana. Pensa uma escola básica ribeirinha, localizada na região das Ilhas de Belém do Pará como um território permeado por potências, que compõe vidas, produz acontecimentos, carrega devires e enseja movimentos curriculares que conformam diferentes linhas por afecções. No cenário de uma escola ribeirinha como objeto-desejo o estudo problematiza em que medida o território escola e seus acontecimentos apontam linhas que produzem um geo-currículo? Inspira-se na Geofilosofia, de Deleuze e Guattari, na qual desenvolve o pensamento em sintonia com a terra, como uma geografia do pensamento. A Geofilosofia é o ato de pensar com e no espaço, a espera de um “por vir” que possibilita pensar de forma territorial acionando os conceitos de desterritorialização e reterritorialização. Aposta na cartografia como caminho para perscrutar um geo-currículo rizomaticamente sinalizado. Pensar uma escola ribeirinha pelas vias de um geo- currículo significa persegui-la em sua força produtiva, naquilo que movimenta, faz, destila, transborda em meio, e, para além das fronteiras de um rio.

Palavras-chave: Currículo; escola básica ribeirinha; Geofilosofia.

Abstract: The present writing composes a master's research, in progress, so that it brings together movements of a research experiment of Deleuzian tonality. It thinks of an elementary riverside school, located in the region of the islands as a territory permeated by powers, as it composes lives, created events, carries derivatives and causes curricular movements which, conform different lines by affections. In the scenario of a riverside school as object-desire, the study problematizes: Which measure the located school and create events the lines point the produce of a geo-curriculum? It is inspired by the Geophilosophy of Deleuze and Guattari, in which he develops thought in tune with the earth, as a geography of thought. Geophilosophy is the act of thinking with and in space, waiting for a "to come" that allows to think in a territorial way triggering the concepts of deterritorialization and reterritorialization. Operates with cartography as a methodological path and it tries to circumvent a geo-curriculum rhizomatically signalized. To think of the riverside school Milton Monte by means of geo-education means to pursue it in its productive force, in what moves, do, distills, overflows, and beyond the boundaries of a river.

Keywords: Curriculum; elementary riverside school; Geophilosophy.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-PPEB/NEB/ UFPA. Linha de pesquisa Currículo da Escola Básica. E-mail: juliadinizneris@yahoo.com.br.

² Mestranda do Curso de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica -PPEB/NEB/UFPA. Linha de pesquisa Currículo da Escola Básica. E-mail: roniqueli@yahoo.com.br.

³ Doutora em Educação. Professora Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica da Universidade Federal do Pará– PPEB-NEB-UFPA. E-mail: josimaues@gmail.com.

Pistas de uma introdução

Pistas emergem no decorrer da escrita do artigo, são movimentos cartográficos que intentam pensar o campo do currículo pelas lentes da diferença deleuziana. Transita na extensão de uma escola, experimentando intensidades e atenta ao que vaza, às disjunções, ao inesperado. Envolve-se na captura das intensidades que afetam a cartografia movida pela ideia de um geo-curriculo, conceito que impulsiona o tracejar empírico, arrogado em sintonia com a geografia do pensamento em Deleuze. Pensa uma escola básica ribeirinha como um território permeado por potências, com acontecimentos, afecções que se estendem em linhas, linhas de fuga. Investe na perspectiva de um Geo-curriculo, a partir da Geofilosofia de Deleuze e Guattari.

A escola território de experimentação da cartografia em sua arquitetura nada remete as conhecidas palafitas nas quais os ribeirinhos vivem ou como as demais escolas da Ilha são estruturadas. Não há chão de assoalho, tampouco telhado rústico. Apresenta espaço nos moldes urbanos, salas amplas, biblioteca, quadra de esporte, sua infraestrutura a fez se tornar a escola sede da região das ilhas, nela se concentra a direção das demais escolas da Ilha do Combu, chamadas de escolas anexas, como assim regula a Secretária Municipal de Educação do Município de Belém.

No lugar da terra, um rio. Uma escola alicerçada entre as margens do Rio Guamá e da Baía do Guajará⁴, a Ilha do Combu de terra firme e várzea, localizada a poucos minutos de Belém, é famosa por sua vasta produção de açaí e pesca, além de seus restaurantes rústicos, saborosos e acolhedores. No entanto, para além de ponto turístico, existe um povo que vive, experimenta, pensa a ilha de diferentes maneiras, há casas, escolas, posto de saúde, barcos, água... e um rio, elementos que compõem o cenário fronteiriço que a escola e os ribeirinhos experimentam.

Na escola ribeirinha na qual a empiria é traçada elementos se apresentam, com-como tramas, cenas, falas, subjetivações e modos de vida. Trata-se de lidar com uma escola ribeirinha e seu currículo como um plano topológico que conjuga relações entre o território e a terra, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Nesse sentido, os devires compõem uma geografia, com suas zonas de indiscernibilidade, suas linhas flutuantes sobre as quais a educação escolar acontece. Nessa direção, a escritura problematiza quais linhas e devires apontam contornos de um geo-curriculo?

Nesse sentido, “o efeito de desterritorializar é uma ação de desordem, para descobrir e suscitar novos saberes menos convencionados, que se dispõe atrair novas ideias para além das esperadas”. (SANTOS, 2011, p. 6). Essa ação possibilita que o território seja móvel e flutuante arena de experimentação, "territorialização" e "desterritorialização". Essas coordenadas levam-nos a admitir que há sempre um fluxo de movimentos, que transforma e desassossega o pensamento. Daí extrai elementos para pensar nos sinais possíveis para diagnosticar devires de um Geo currículo, que rompe com a imagem de representação e opera com linhas transitórias, como campo de experimentação que não pode ser decalcado, apenas mapeado em seus devires. Tomando assim a cartografia como percurso metodológico.

Pistas de uma Geofilosofia

Alguns conceitos do pensamento deleuziano são motrizes no tracejar da experiência cartográfica que vem sendo produzida. Deleuze por sua intensa relação com a arte, parte dela para conjecturar os conceitos de afectos e perceptos. A arte por sua potência criadora constrói sensações, como blocos que transbordam a força daqueles que são atravessados por eles, como uma intensidade cumulativa que marca exclusivamente o limiar de uma sensação. Ser

⁴ Região Insular do município de Belém-Pará.

atravessado por experimentações é ser afectado independentemente da criação ou de quem criou. Vai ao encontro do não sabermos nada de um corpo enquanto não sabemos o que ele pode. De acordo com Schmidlin (2015) os afectos seriam os devires não humanos do homem, por sua força no atravessar a materialidade da criação. Assim também os perceptos são paisagens não humanas da natureza, pois, na arte, são apenas semelhanças produzidas, como o gesto de barro cozido ou paisagens e rostos de massas tonais.

Para compreender os afectos, remeto a outro conceito deleuziano, o conceito de linhas. É na intersecção das linhas, dos movimentos e dos afectos que o corpo, como potência, se afecta. Indivíduos são atravessados por linhas, linhas que os compõem. Assim, “devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventa-las traçando-as efetivamente, na vida” (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 83). Pensar é seguir linhas de fuga. Permeado de vontade de agir e de afectos, sempre do ponto de vista de movimento, por linhas, linhas de fuga, linhas como elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, que funcionam ao mesmo tempo, que se espalham que compõem rizomas, corpos, formando composições.

Deleuze e Guattari (2010) superam a relação sujeito e objeto para conceber a construção do pensamento assumindo que o pensar se faz na relação entre território e terra. Compõem uma geografia do pensamento. Assim postulam o conceito de Geofilosofia, em conexões com Kant e Husserl que também postulam que existe um solo para o pensamento. Uma filosofia que retira da Terra, da imanência, composições e criações, distanciando-se de um modo único de pensar.

A terra é vista com as lentes das potencialidades conceituais; ela faz conexões, “A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território”. (DELEUZE E GUATTARI, 2010, 103). A geofilosofia provoca compreender o pensamento por seu dinamismo e nomadismo, como um campo de conexões conceituais mobilizado por afectos e perceptos, implicam um plano de afetações, com vontade de agir por um caminho geográfico do pensamento, que agencia e cria linhas de fuga.

É como uma geografia do pensamento, não apenas por seu carácter espacial, mas por sua relação com a terra, pelo seu fazer no corpo a corpo das forças nas quais não existe fronteiras, enraizamentos e sim uma força do movimento, do transitório, que faz do pensamento um fluxo, permeado de conexões rizomáticas.

Trata-se de conexões rizomáticas no sentido de que pelas linhas de segmentaridade pelas quais o território é estratificado, organizado e significado suas linhas também compõem desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. São linhas que se cruzam, mas que também rompem, variam “Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas”. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 28)

Segundo Deleuze e Guattari (2012a, p. 92) “A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentatizado espacial e socialmente”. Somos compostos por segmentos. Na busca por movimentar o pensamento juntamente com a experiência cartográfica que vem sendo realizada, implica em compor a Terra como comunhão de forças e pensar o rio que compõe o cenário da escola ribeirinha como comunhão de forças. Implica localizar essa escola ribeirinha, assumir um rio como a terra, um rio que educa, um educar no rio, educar do rio, educar para um rio. Essa composição movimenta o pensamento, e constitui, ainda que de modo lacunar, em seu estado inicial, uma prática de criação. Impele a busca de localizar esses pequenos movimentos em que o rio é a terra balizadora das experiências em devir curriculares, da experiência educação.

Mobilizar um currículo geograficamente orientado, como um fluxo, sem prescrições e sim caminhos, pensar o múltiplo e não partes estratificadas, compreender as multiplicidades

para enfrentar os desafios do cotidiano que se desdobra na escola, na prática de se orientar no espaço, cujas provas impõem a transposição de variadas superfícies. Planos de experiência que o corpo da Terra compõe, que cria problemas e nos pede posicionamentos móveis. Um geo-curriculo que potencializa a criação de novas sensibilidades atritadas por afectos e perceptos produzidos na condição fluvial. Poderemos vê-los como componentes de rizomas da geofilosofia que mobilizam um geo-curriculo.

Para movimentar o pensamento acerca do geo-curriculo, creio ser necessário pensarmos o que pode um curriculo, em meio a esse campo cheio de esperas e soluções meticulosas. Aciono Corazza (2010) que problematiza necessidades inadiáveis sobre as quais devemos atentar ao pensar o curriculo da escola. Com seu caráter questionador ao majoritário “o curriculo pode ameaçar o império da verdade e sua “entropia mortífera” de modo que o pensamento deixa de ser recolhido na forma do verdadeiro, opera por revezamento e questiona todas as orientações fazendo do pensamento um pensamento-problema que pode não se fundamentar em resultados ou soluções. Ao curriculo também importa o que está de fora de modo que o curriculo não se esgota na escola, mas pode ser vislumbrado como virtualidades que resistem ao poder, o curriculo. O geo-curriculo é zona de acontecimento.

Desse modo, cabe compreender que a escola é um território que territorializa e desterritorializa acontecimentos, e, nesse movimento, o geocurriculo inventa travessias sem mesmo sair do lugar. Ele margeia, faz fronteiras, como um nômade que trilha e esburaca solos estriados e sedentários. Habitar um geocurriculo não demanda elaboração cartesiana e pragmática, exige um traçar, um mapa a ser traçado, e a cartografia pode ser um potente artifício para perscrutar o geocurriculo, como um mapa geocurricular.

Pistas de uma cartografia

Como um rizoma, sem elementos primeiros, lança-se à tarefa de fazer de um experimento de pesquisa um artifício da diferença, envolvido na produção de um mapa geocurricular em uma escola ribeirinha com sua força produtiva, mapeando devires, intensidades e acontecimentos. Por meio de uma cartografia, ousa aventurar-se como pesquisadora-cartógrafa, ancorada no real, no vivido, no afetado, tomando o método como experiência móvel e dilatada, assumido como atitude em meio a encontros potentes, que forcem pensar.

Em seus platôs, Deleuze e Guattari, com sua cartografia conceitual dão noções de como operar rizomaticamente, sobretudo em termos da estrutura da linguagem e disso fazem uma provocação para tratar a escrita como fluxo rizomático e não como código. Desvelando a ideia arbórea de pensamento, “A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser”. Como um artifício potente para rachar a linguagem e tencionar o existencialismo do pensamento dogmático que aposta no “ser”, o investimento passa a ser na conjunção “e” como uma aposta de criação de plano de imanência e personagens conceituais em potência rizomática.

No lugar *intermezzo* que o rizoma ocupa no encadeamento conceitual de Deleuze e Guattari, não cabe estabelecer fronteiras nas inscrições de acontecimentos; trata-se de um mapa aberto, conectável em suas dimensões, passível de modificações, que pode ser rompido, mas que segue linhas. Em um curriculo rizomático experimentaríamos um geo-curriculo, com aberturas para todo e qualquer percurso, aberto, sobretudo por ser uma aposta na multiplicidade, sem almejar uma unidade dada ou a ser construída, mas, exatamente ao contrário, um investimento no desmonte de qualquer simulacro de unidade que nos é infligido. Por meio do pensar rizomático permite fabular um geo-curriculo em consonância com a imanência de que

sempre há um “por vir”, que nos agencia e subjetiva, que nos potencializa a encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade.

Pensando com Deleuze e Guattari (2011) temos que um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retomado seguindo uma ou outra de suas linhas. O percurso de uma pesquisa de tonalidade cartográfica é construído de passos que se sucedem e seguem linhas. De acordo com Barros e Kastrup (2012, p. 59) “Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes”. E para seguir esses passos, nada como estar no mesmo plano intensivo, se abrir ao plano de afetos sempre a espreita dos acontecimentos, das conversas, das atividades que lá se desenvolvem.

Experimentar e habitar a Escola Ribeirinha enquanto lugar de passagem, reúne forças que também atravessam a cartógrafa, que pulsa no tempo kairós, e na experiência de afetar e ser afetada, reterritorializa-se e desterritorializa-se. Desse modo, em meio aos encontros e espaços que a escola proporciona, há um lugar, lugar que afeta a cartógrafa, por sua posição estratégica para estar à espreita e atenta aos possíveis movimentos e processos que ali se desenvolvem: o refeitório. Localizado praticamente no centro da escola, que se faz um entreposto do ir e vir, que tem como fundo a horta. É esse um espaço de cruzamentos entre pessoas e conversas soltas, o lugar onde se “tira a tensão” da sala; onde todas as turmas se cruzam, as crianças se misturam e as vozes se confundem. Local que proporciona escutas, pela convergência dos diferentes sons vindo das salas. De se sentir na escola enquanto lugar de passagem e território de experimentação. E de lá se escuta, próximo ao horário da saída, o burburinho da agitação das turmas, do desejo de fuga, corpos querendo evadir-se das imobilidades das quais nenhuma escola está isenta, da dominação do tempo *crhonos*. Tempo que às 12:30 hrs se faz um outro turno e cede espaço para os alunos do turno da tarde. Outro tempo, mesmo espaço, outras crianças, mesmos professores, outras turmas, mesmo currículo, outro currículo.

Nessa direção, a cartografia como uma fresta para o rizoma atesta, no pensamento, sua força performática, que produz e faz do caminhar de uma pesquisa uma intensa produção de “dados”. É em meio aos pontos de entrada que a realidade cartografada se apresenta, como um mapa móvel, no qual não se pode controlar as intensidades e linhas que as compõem, os devires produzidos, tampouco suas afetações intensivas e extensivas.

É no acompanhar do processo que a pesquisa – experimentação - cartografia acontece, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de centralidade ou de mais relevância não deve ser confundido como o centro de organização do rizoma, tendo em vista que um rizoma não tem centro, ele não é um centro, ele está entre as coisas, no meio, não inicia nem finda. O que na escola, num primeiro momento possa aparentar ser central, pode se entre, mediante a minha percepção e ocupação do território, a exemplo, quando escolho ouvir as falas que se entrecruzam nos momentos que as turmas se encontram no refeitório, que muitas vidas são atravessadas e vozes ouvidas, na mesma ambiência, diferentes vivências.

Para os movimentos cartográficos percorridos nesta pesquisa experimentação, em consonância com o movimento de pensar, experimentar e pesquisar, não há caminhos fixos. Há linhas que maquinam algumas pistas. Pistas que tecem tramas, rizomas, devires. Passos, Kastrup e Escóssia (2012), organizam algumas pistas que dão luz nesse percurso inesperado mas não imprevisto. De modo que, a cartografia pode ser método de pesquisa intervenção, que requer atenção no trabalho da cartógrafa, que acompanha processos, que tem movimentos- funções de dispositivos de prática na cartografia, que arranja um coletivo de forças como plano de experiência cartográfica, que pode dissolver o ponto de vista do observador, e que habita um território existencial e que pode sinalizar uma escola como um lugar onde há potência, onde há vida sobrenadante, onde se pode perscrutar devires, imanência, criação. Um devir ou devires ribeirinhos.

É como Rolnik (2016) evidencia quando descreve que “as cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo”, é um processo material, semiótico e social. É como se linhas de vida se cruzassem na escola- território o tempo inteiro, fato que produz desejos e realidades, e no meio dessas linhas a pesquisadora que assume a cartografia e seu papel enquanto cartógrafa, faz do habitar o território a ser experimentado um acompanhar de processos e não meramente de representar um objeto, como um investimento em um processo de produção de dados para além do que lá já estava. É ser atenta, detectar forças rotativas, estar a espreita, é ter atitudes atenciosas como denomina Kastrup, (2012).

Ao seguir as pistas das quatro variedades da atenção do cartógrafo apontadas por Kastrup (2012): o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento, deu-se o movimento de ocupar um território de pesquisa, rastrear, pousar, como uma aprendiz à espreita do “por vir” e, assim, atravessar a escola ribeirinha, de modo que a atenção na busca por um lugar para pousar, experimentando os conflitos envolvidos na seleção dos elementos aos quais prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que atingem os sentidos e o pensamento. Lidar com as metas e variações contínuas, na escola todo dia é dia, é um fluxo inquietante e desafiador.

As travessias dos professores e equipe pedagógica, que todos os dias às 6:30 hrs se deslocam via barco para a escola. Travessia interrompida por volta das 6:45 hrs, para apanhar algumas crianças, que esperam nos trapiches⁵ com suas mochilas e cadernos. A Ilha. A Baía. A travessia. Os trapiches. Os barcos. São elementos balizadores que no processo de investitura no campo, levou a perceber a escola como um território de experimentação que atravessado pelos elementos que o circunscrevem, ensejam um tratamento Geo da escola, que alude a um tratamento Geo Curricular. E a pensar, assim, uma geo-educação e um geo-currículo.

A partir das visitas à escola e dos elementos emergentes compor o mapa, aberto à traçados, que movimentam o pensar e, assim, seguir compondo o mapa dos devires do currículo, ou quem sabe dos currículos que na escola habitam. Fazer uso das conexões conceituais do pensamento da diferença de Deleuze e Guattari como pontos de desterritorialização de uma pesquisa experimentação que potencializa os encontros, nas viagens nas quais não nos movemos, em extensão, mas construímos forças intensivas.

Sentir a habitação de um território na cartografia requer disposição e abertura para colocar-se em um lugar onde forças se reúnem por suas conexões, pelos agenciamentos, que são capazes de produzir realidades e subjetividades. Implica em compartilhar processos que podem ser sentidos e não meramente descritos; exige cultivar uma prática que vai ganhando consistência na medida em que vai se compondo mapas provisórios, mantendo-se sempre implicada nas experiências que não buscam explicações para o que lá acontece. Isso, em certa medida, significa superar, como indicam Deleuze e Guattari (2012b), a perspectiva etológica de território como algo somente exterior e prévio. Territórios, portanto, se fazem e refazem por meio de injunções de diferentes ordens.

Percebe-se que a relação fronteira entre Belém e a Ilha do Combu circunscreve a vida dessas crianças que estão imersas em uma realidade tão una que ao mesmo tempo é multiplicidade. Colocá-las em um entre-lugar que alia elementos ribeirinhos à demandas e injunções citadinas. A experiência-cidade para essas crianças parece marcada por descobertas, encantamentos e temores demonstrados ao esboçar conhecimento sobre a violência urbana na qual estamos infligidos.

Vidas que movem a escola por um geo-currículo que potencializa encontros nos intervalos entre os turnos, nos quais os professores conversam e trocam o que parece ser amenidades, potencializados como momento de troca de vidas docentes. Trocas que acontecem

⁵ Nome dado pelos ribeirinhos, para os portos de embarcações localizados nas margens de suas residências.

no trapiche da escola, entre o calor amenizado pelo vento que a maresia do rio embala, enquanto o turno da tarde não começa.

Seguindo o movimento de desterritorializar o pensamento, concordo que a educação é um acontecimento, que a escola produz acontecimentos e de que o currículo oficial ou não propicia tais acontecimentos. Seguir esse movimento de pesquisa é mais do que historicizar e sim acontecimentalizar a pesquisa da educação. Tratar o pensamento como experimentação e viagem (CORAZZA, 2006).

Conforme o itinerário da cartografia vai se delineando, seguindo pistas, desterritorializações a escola ribeirinha se mostra como um território onde há potência, vida sobrenadante, onde devires são produzidos e a criação pulsa. Não a toa a escola se destaca na Ilha do Combu, por sua estrutura arquitetônica e organizacional, de modo que muitos olhos se voltam para a ela, é sempre escolhida para sediar eventos e projetos.

Tais eventos-fatos que alteram momentaneamente o currículo e o cotidiano da escola inserem novos elementos de conhecimento, experimentos, artes, imagens, ciência. Pela lente cartográfica, podem indicar elementos intervenientes de um geo-currículo, que tira do território, da terra, do rio, do margeamento, afecções. E constitui um mapa móvel e rizomático que escapa de determinismos que qualquer intencionalidade é capaz de prever.

Acontecimentos como esses envolvem os fazeres da escola, movimentam o ritmo, produzem devires, mobilizam e compõem o currículo, fazem dele formas outras de ser e existir, pelo seu caráter geocurricular e rizomático, que se abre para agentes externos da escola, ao passo que as afecções atravessadas pelas crianças, professores são capazes de capturar fluxos e linhas de fuga.

Delinear o mapa de afetações, de potências e de devires do currículo da escola é capturar o que se moveu a partir dos eventos-fatos nos quais a cartografia acompanhou. Operar com o que se moveu na escola, o que aconteceu com os espaços, com as salas de aula, com os professores e crianças carregam sinais de afecções, nas quais se fazem viventes não somente por fatores externos à escola, mas em toda e qualquer movimentação que se apresenta geocurricular. Isso pode ser indiciado quando estranhamentos mediante aos eventos, por exemplo, repercutem na rotina, no planejamento dos professores, nas disciplinas dos corpos das crianças e dos docentes, no rio que baliza o cenário e na experiência do acontecimento perceber suas conexões ou afastamentos em termos da composição de um geo-currículo nos movimentos de desterritorialização e reterritorialização que os acontecimentos imprimem.

Em meio às pistas que emergiram nesta escritura, evidenciou-se que compor uma cartografia está distante de reproduzir uma receita que busca fins, pelo contrário o meio é muito mais potente, interessante e instigante, como se fosse uma aventura diária de pesquisa na qual se corre riscos. É necessário praticar, estar em campo para habitar a escola como território de forças, seguir seus processos, lançar-se nos movimentos, experimentar os acontecimentos, refinar a atenção, estar à espreita e à postos ao que pode emergir e escrever.... praticar a escrita como artifício de auxílio ao que se vivenciou e experimentou.

Seguir o movimento cartográfico em consonância com os pressupostos rizomáticos da diferença é investir num rigor da investigação que habita na atenção aos movimentos, das forças, das linhas de fuga que emergem no território que aparentemente é sedentário e sem vida. E enquanto cartógrafa se dispor a ser afetada pelos acontecimentos que se desdobram na escola, seja na travessia diária entre Belém e a Ilha do Combu, nas conversas no barco, nos projetos, no modo de ser professor em uma escola ribeirinha, nas experiências fora da sala de aula, nas conversas de corredor, nas conversas no refeitório, capturando falas, fotos, escrevendo. Dessa forma, pretende-se perseguir esse movimento de pesquisa em busca de como fazê-lo ou não.

Referências

- BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. Diga-me com quem o currículo anda e te direi quem ele é. In: _____. *Fantasia da escritura: filosofia, educação, literatura*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. Coleção TRANS.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. Coleção TRANS.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a. Coleção TRANS.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b. Coleção TRANS.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. In: _____. (Org.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.
- SANTOS, Moreira William. O conceito de Geofilosofia em Deleuze e Guattari. *Revista Pandora Brasil*, n. 34, p. 155-169, set. 2011, ISSN 2175-3318.
- SCHMIDLIN, Elaine. Por [entre] Paisagens. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso et al. (Org.). *Ecologias inventivas: experiências das /nas paisagens*. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.